

IDENTIFICAÇÃO DA FLORA DO MEIO NORTE DO BRASIL POR ESTUDANTES DO ENSINO MÉDIO DO CAMPO E DA CIDADE

Janaí Nascimento de Sousa^{1*}; Bruno Ayron de Souza Aguiar¹; Clarissa Gomes Reis Lopes¹; Maria Jaislanny Lacerda e Medeiros¹

¹Universidade Federal do Piauí; *E-mail para contato: janaimarianno@gmail.com

INTRODUÇÃO

Dentre os processos que afetam a biodiversidade, destaca-se a introdução de plantas de outros locais, chamadas de plantas exóticas, que são de fácil adaptação a vegetação brasileira, o que acaba afetando e desvalorizando a vegetação nativa (plantas de origem local). De acordo com De Vechi e Magalhães Júnior (2018, p. 496) “O Brasil é um país tropical, que possibilita a adaptação de plantas originárias de várias partes do mundo. Seu território é muito extenso, com climas bastantes distintos entre si: regiões frias, úmidas, quentes, secas.” Desde o período da colonização, e depois com a globalização, ocorreu um processo ainda mais acelerado de inserção dessas plantas exóticas em meio a vegetação nativa. É de extrema importância entender como está o conhecimento dos jovens de ensino médio sobre a vegetação local, seja no campo ou na cidade. A disciplina de biologia, especialmente a parte da botânica, trabalha informações importantes sobre as vegetações existentes. Mas, muitas vezes, esses conteúdos podem ser vistos como entediantes e desestimulantes, causando desinteresse dos jovens e desconhecimento acerca do tema. Para mudar isso, Salatino; Buckeridge (2016, p. 193) propõem que “É preciso inserir a ciência das plantas na forma interdisciplinar de ver o mundo que está em franco desenvolvimento. Talvez com isso, as plantas passem a ser vistas como realmente o são, isto é, componentes ativos dos sistemas biológicos e sociais”. Além disso, é possível observar o distanciamento homem-natureza, principalmente na faixa etária dos jovens, afetando diretamente o conhecimento sobre as espécies presentes até mesmo nos locais onde vivem. Esse distanciamento se dá em especial pela globalização, industrialização e capitalismo, que contribuiu e contribuem para afastar ainda mais o homem do meio ambiente. Diante disso, objetivou-se avaliar a habilidade de alunos do ensino médio do campo e da cidade quanto a identificação de plantas nativas e exóticas do meio Norte do Brasil.

METODOLOGIA

O trabalho foi realizado em duas unidades educacionais públicas do Piauí, que atendem estudantes do ensino médio, sendo uma localizada na zona rural (Centro Estadual de Educação Profissional Rural Governador Hugo Napoleão) e outra na zona urbana (Unidade Escolar Embaixador Espedito Resende), ambas do município de Piri-piri-PI, Brasil. Os alunos do 3º ano do ensino médio foram os sujeitos da pesquisa, sendo 21 alunos de cada escola, totalizando 42 estudantes. Os dados foram coletados a partir de questionário envolvendo perguntas de gênero, local de residência, faixa etária, se participavam de atividades agrícolas, sobre o conceito de plantas nativas e exóticas, além da identificação das plantas, acompanhadas de pranchas como auxílio visual (contendo imagens de plantas nativas e exóticas da região Meio Norte do Brasil). A ordem de apresentação das espécies nas pranchas foi realizada por sorteio, sem nenhuma identificação referente ao nome (científico ou popular) e origem (nativa ou exótica). Os estímulos foram feitos sob utilização de um grupo de fotografias em alta-resolução (≥ 3 Mp) de locais de onde se pode encontrar a vegetação. As imagens utilizadas foram obtidas por autoria dos pesquisadores, material didático específico da área de pesquisa (ex: LORENZI, 2002) e bases de dados (e.g., Flickr®, Google™ Images®) com permissão pública para uso não comercial. Para evitar que os participantes fizessem a identificação apenas de espécies exóticas (pelo grande conhecimento e facilidade de disseminação, tanto em materiais didáticos como nas mídias sociais) foram escolhidas também espécies nativas que pertencem a região de estudo, esperando serem conhecidas pela importância no cotidiano das populações locais. Das 20 espécies vegetais, 12 eram nativas e oito eram exóticas. A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética e Pesquisa da Universidade Federal do Piauí (UFPI). A participação foi voluntária e os questionários não foram identificados pelos nomes dos participantes. Antes da aplicação do questionário foi solicitada a permissão mediante assinatura dos Termos (Consentimento Livre e Esclarecido para acima de 18 anos e de Assentimento para menores de 18 anos). A pesquisa foi descritiva, com abordagem qualitativa. Os dados foram tabulados no EXCEL e as respostas dos participantes foram apresentadas em uma análise percentual, com elaboração de gráfico, sendo o conhecimento sobre a flora de estudantes do campo e da cidade percorrido de forma comparativa.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Com base na pesquisa, observou-se que existe mais participantes do gênero masculino na escola do campo (52,4%) e mais do gênero feminino na escola da cidade (57,2%). Em relação a idade, constatou-se que no campo os alunos têm idade mais avançada (71,5%) que na cidade (52,4%), para a faixa etária de 18 a 25 anos. Pelos documentos oficiais, a idade correta para o 3º ano do ensino médio é aos 17 anos, no ensino médio há o maior percentual de estudantes com dois ou mais anos de atraso escolar, essa distorção idade-série corresponde a 28% dos estudantes matriculados nessa etapa de ensino (UNICEF, 2018). Quanto a moradia, quem estudava no campo, morava no campo; e quem estudava na cidade, morava na cidade. Sobre atividades agrícolas, identificou-se que cerca de 80% dos alunos do campo realizam; contrariamente, menos de 30% de alunos da cidade tinham essa ocupação. Cabe destacar o distanciamento homem-natureza, sobretudo em áreas urbanizadas, como confirmado pelos resultados. Faria, Ferreira e Paula (2018) citam que esse distanciamento se dá também pelo modelo patriarcal de posse e propriedade, que tem contribuído muito para a migração rural-urbana. No tocante ao conceito de plantas nativas, quase 40% do campo e pouco mais de 40% da cidade afirmaram saber. Para Silva, Lopes e Medeiros (2022) plantas nativas são naturais de uma determinada região, adaptam-se facilmente e oferecem resistência às variações climáticas e as ameaças de pragas agrícolas. As espécies nativas são importantes para o equilíbrio ambiental, pois garantem a preservação dos biomas e da biodiversidade característica do ecossistema. Em relação ao conceito de exóticas, cerca de 35% dos alunos do campo e quase 50% da

cidade asseguraram saber. Segundo Proença, Dal-Farra e Oslaj (2017) plantas exóticas referem-se às espécies que não pertencem naturalmente a uma dada região, mas que se adaptam em áreas distintas da sua origem, podendo ou não causar prejuízos ambientais, por interferirem no crescimento de plantas nativas e alterarem o meio. Acerca da identificação das espécies (Figura 1), os alunos do campo nomearam 12 espécies, enquanto os da cidade nomearam 13. Dessas espécies, o maior reconhecimento foi de plantas nativas, sendo 7 plantas pelos alunos do campo e 8 pelos alunos da cidade, e foram 5 plantas exóticas nos dois públicos. Além disso, foi possível observar que a planta mais conhecida nas duas escolas, de forma unânime, foi o caju. Para os alunos do campo, outras espécies obtiveram 100% de reconhecimento, como carnaúba, manga, pitomba e goiaba, totalizando cinco plantas com 100% de identificação; vale destacar também que babaçu, acerola e piqui foram bem conhecidas, 95%; além de romã, nim, cajá, ipê-amarelo e eucalipto, entre 70 e 85% (Figura 1). Já para os alunos da cidade, romã, pitomba e goiaba ficaram com reconhecimento acima de 90%; acerola e cajá, com mais de 80%, carnaúba e manga, entre 65 e 72%; oiti e o babaçu com pouco mais de 50% (Figura 1).

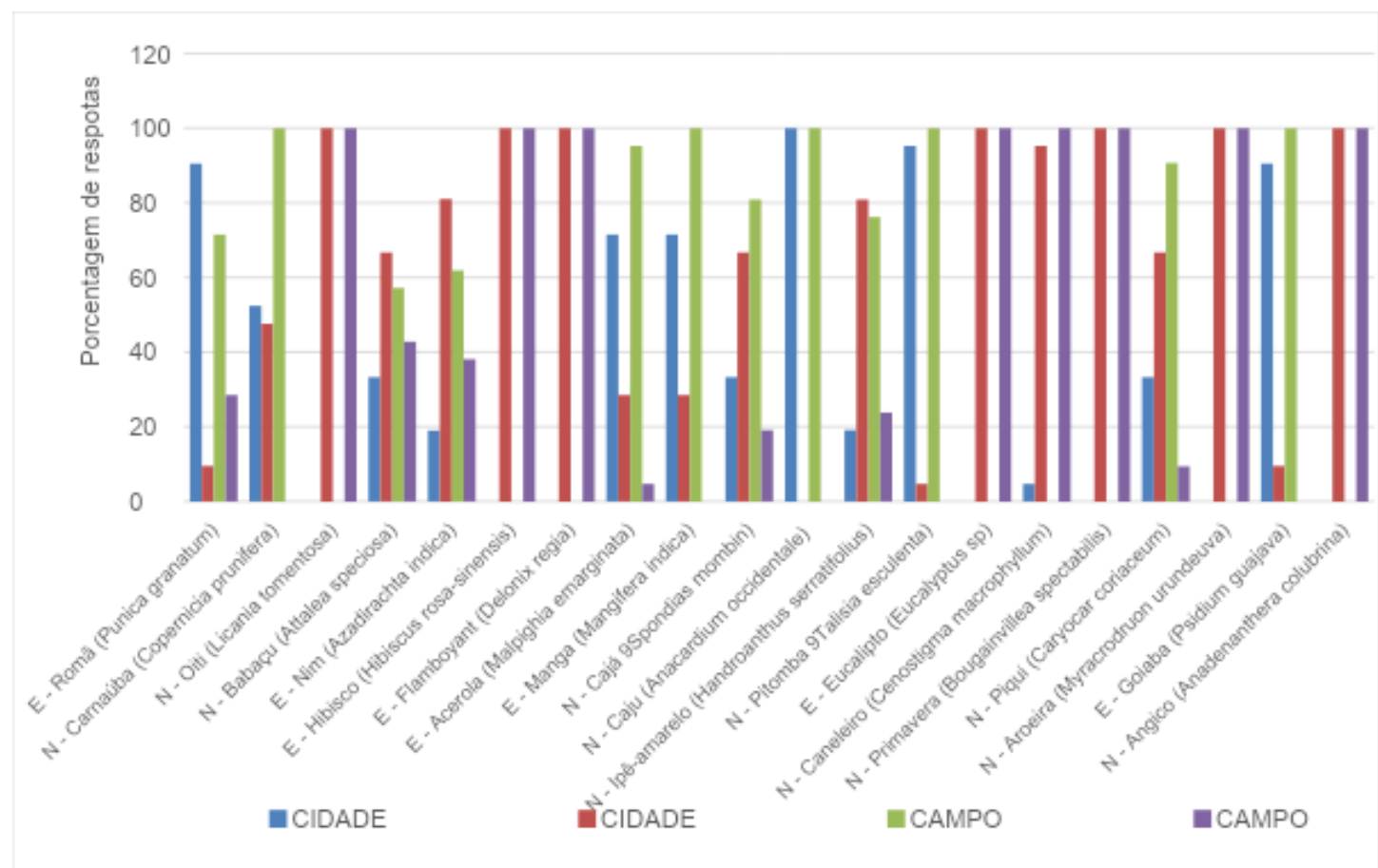


Figura 1 - Percentual de respostas sobre a identificação das plantas nativas e exóticas do meio Norte do Brasil, usadas na pesquisa com estudantes do ensino médio da cidade e do campo de Piripiri-PI
Fonte: Autores, 2023.

No comparativo entre as escolas, os alunos do campo obtiveram resultados superiores, como para carnaúba, 100% de nomeação correta pelos do campo e praticamente metade pelos da cidade (Figura 1). Isso, aconteceu para a maioria das plantas, evidenciando que alunos do campo têm mais conhecimento, pelos valores de acertos das 12 plantas nomeadas. Logo, os dados corroboram que a relação de proximidade dos estudantes do campo com a flora colabora com o correto reconhecimento das espécies. Apoiando isso, Proença, Dal-Farra e Oslaj (2017) mencionaram que a identificação de espécies implica no conhecimento local e na identificação dos seres que habitam a região, sendo possível priorizar as espécies nativas, contribuindo para preservação local.

CONCLUSÕES

O presente estudo destacou que o campo possui alunos acima da faixa etária ideal, reafirmando o atraso que ainda ocorre nas escolas campesinas. Em relação aos conceitos de nativas e exóticas, poucos alunos das duas escolas conseguiram conceituar corretamente. Das espécies vegetais utilizadas, as mais conhecidas foram as que possuem fruto, como caju, manga, pitomba e goiaba, duas nativas e duas exóticas, mostrando um condicionamento de reconhecimento pela finalidade alimentar. Logo, ficou exposto pelos resultados o conhecimento reduzido dos alunos do ensino médio sobre a identificação de plantas nativas e exóticas locais, chamando atenção para a necessidade de trabalhar no ambiente escolar a importância da vegetação e de seu estudo para a vida, para despertar o interesse pelo cultivo e preservação da flora.

Autorização legal

A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética e Pesquisa (CEP) da Universidade Federal do Piauí (UFPI), com número de Parecer 3.252.678.

Palavras-chave: Biodiversidade. Ensino de Botânica. Plantas nativas.

Referências

DE VECHI, A.; MAGALHÃES JÚNIOR, C. A. O. Aspectos positivos e negativos da cultura do Eucalipto e os efeitos ambientais do seu cultivo. **Revista Valore**, v. 3, n. 1, p. 495-507, jun. 2018.

FARIA, G. J. A.; FERREIRA, M. L. A.; PAULA, A. M. N. R. Êxodo Rural Feminino: Razões e Consequências da Migração da Juventude Rural Feminina. **Desafios à democracia, Desenvolvimento e Bens Comuns**, Montes Claros, p. 75-88, 2018. VI Congresso em Desenvolvimento Social, 2018.

LORENZI, H. **Árvores brasileiras**: manual de identificação de plantas arbóreas nativas do Brasil. Nova odessa: Plantarum, v.1, p. 384, 2002.

PROENÇA, M. S.; DAL-FARRA, R. A.; OSLAJ, E. U. Espécies nativas e exóticas no ensino de ciências: a construção de práticas educativas para o ensino fundamental. **Revista Contexto & Educação**, [S.l.], v. 32, n. 103, p. 213-247, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.21527/2179-1309.2017.103.213-247>. Acesso em: 02 set. 2022.

SALATINO, A.; BUCKERIDGE, M. Mas de que te serve saber botânica? **Estudos Avançados**, v. 30, n. 87, p. 177-196, 2016.

SILVA, M. L. G.; LOPES, C. G. R.; MEDEIROS, M. J. L. **Concepções dos discentes da Educação do Campo/Ciências da Natureza sobre a flora nativa**. In: MEDEIROS, M. J. L. et al. Formação de Professores e Prática Educativa na área de Ciências da Natureza. Teresina-PI: EDUFPI, p. 91-107, 2022.

UNICEF (Fundo das Nações Unidas para a Infância). **Panorama da distorção idade-série no Brasil**. 2018. Disponível em: https://www.unicef.org/brazil/media/461/file/Panorama_da_distorcao_idadeserie_no_Brasil.pdf. Acesso em: 17 fev. 2023.